

SÃO BOAVENTURA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Costelloe, Laurence

São Boaventura : biografia / Laurence Costelloe ; tradução de Wanderson Soares Alves. - São Paulo : Paulus, 2026.

(Coleção Biografias)

ISBN 978-85-349-6115-8

Título original: Saint Bonaventure: The Seraphic Doctor Minister-General of the Franciscan Order

1. São Boaventura, 1217-1274 - Biografia 2. Santos cristãos - Biografia I. Título II. Alves, Wanderson Soares

26-0982

CDD 922.22

Índice para catálogo sistemático:

1. São Boaventura, 1217-1274 - Biografia

Coleção **BIOGRAFIAS**

- *Padre Cícero de Juazeiro*, José Comblin
- *São João Paulo II: a biografia*, Andrea Riccardi
- *Padre Pio: os milagres desconhecidos do santo dos estigmas*, José Maria Zavala
- *Paulo de Tarso: um apóstolo para as nações*, Pedro Lima Vasconcellos; Pedro Paulo Abreu Funari
- *Papa São João XXIII*, Domenico Agasso Sr.; Domenico Agasso Jr.
- *João Paulo II: santo já*, Andrea Riccardi (eBook)
- *Josefina Bakhita: o coração nos martelava no peito – Diário de uma escrava que se tornou santa*, Roberto Italo Zanini (org.)
- *Santo Antônio de Pádua: por onde passa, entusiasmo*, Domenico Agasso Jr.
- *Padre Pio: o mistério do Deus próximo*, Saverio Gaeta
- *Madre Teresa: tudo começou na minha terra*, Cristina Siccardi
- *Paulo VI: o santo da modernidade*, Domenico Agasso Jr.; Andrea Tornielli
- *Santa Gemma Galgani: entre Deus e o diabo*, José Carlos Pereira
- *Carlos e Zita de Habsburgo: o itinerário espiritual de um casal cristão*, Elizabeth Montfort
- *Padre Amorth: a biografia oficial*, Domenico Agasso
- *Santa Clara de Assis*, Gianluigi Pasquale
- *Santa Gemma Galgani*, Gesualda Sardi
- *Santa Rita e sua mensagem*, Agostino Trapè
- *Santa Teresinha do Menino Jesus e da Sagrada Face*, Gesualda Sardi
- *Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein)*, Vittorio Robiati Bendaud
- *Maria Goretti: santa de nossos dias*, Dino De Carolis
- *São Boaventura: biografia*, Laurence Costelloe

Laurence Costelloe, ofm

Tradução:
Wanderson Soares Alves

SÃO BOAVENTURA
BIOGRAFIA



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Saint Bonaventure: the Seraphic Doctor minister-general of the Franciscan Order, cardinal bishop of Albano*

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Revisão

Tiago José Risi Leme

Lucas Giron

Tatianne Francisquetti

Design

Andrea Cristina Florez Marin

Imagem da capa

Getty Images

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2026



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Tele vendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2026

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-6115-8

ÍNDICE

Prefácio da edição original	9
<i>Capítulo I</i> – Infância e juventude.....	11
<i>Capítulo II</i> – Santidade e aprendizagem	17
<i>Capítulo III</i> – As ordens mendicantes atacadas	25
<i>Capítulo IV</i> – Os mendicantes vindicados	31
<i>Capítulo V</i> – Ministro-geral	37
<i>Capítulo VI</i> – Disciplina e observância	45
<i>Capítulo VII</i> – Incidentes de administração	53
<i>Capítulo VIII</i> – Biografia de São Francisco	63
<i>Capítulo IX</i> – Espírito interior	71
<i>Capítulo X</i> – Amor de Deus	79
<i>Capítulo XI</i> – O arcebispado de Iorque	87
<i>Capítulo XII</i> – Anedotas diversas do santo.....	93
<i>Capítulo XIII</i> – O cardinalato.....	101
<i>Capítulo XIV</i> – Morte.....	109
<i>Capítulo XV</i> – Canonização.....	119



São Boaventura

Gravura de Anton Eitel, feita a partir de pintura de Cavazzola (Paolo Morando, c. 1517).

PREFÁCIO DA EDIÇÃO ORIGINAL*

A vida de São Boaventura, o “Doutor Seráfico”, é agora apropriadamente apresentada ao público como a primeira das vidas franciscanas na série *Vidas dos Santos Frades*. Até os dias deste “Segundo Fundador da Ordem Franciscana”, a simplicidade do nosso santo padre São Francisco tinha sido a característica saliente do seu instituto: nenhum esforço bem-sucedido tinha sido feito até agora para organizar a Ordem crescente até a plena medida da sua eficiência. De modo geral, tudo até o momento foi deixado à iniciativa individual, e a tônica daqueles primeiros dias está na liberdade desfrutada pelo indivíduo – uma liberdade que, embora seja encantadora de contemplar e de apelo irresistível para uma era democrática, ainda é incompatível com o trabalho distintivo que uma pessoa coletiva deve necessariamente cumprir se os seus atos justificarem a sua existência. Para atingir esse propósito, era imperativamente exigida certa quantidade daquela rígida uniformidade presente em todas as organizações.

Sob a influência de São Boaventura, isso foi realizado com sucesso. Entre os muitos elementos que entraram nesse processo de desenvolvimento, devemos, talvez, atribuir o lugar mais notável à busca sistemática de aprendizagem que o nosso santo enxertou no ideal de contemplação e zelo de São Francisco, e que, sob a orientação da Providência de

* Prefácio publicado na edição em que se baseou esta tradução: COSTELLOE, Laurence. *Saint Bonaventure: the Seraphic Doctor minister-general of the Franciscan Order, cardinal bishop of Albano*. New York: Longmans, Green and Co., 1911. (Friar Saints Series).

Deus, foi destinada a tornar a Ordem Franciscana uma força eficaz no tratamento dos problemas mais vitais do mundo. Juntamente com essa busca pelo aprendizado veio a introdução na Ordem de uma observância exterior uniforme; uma observância inculcada e promovida por um código sistematizado de constituições e ordenanças que permanece substancialmente o mesmo desde que foi elaborado pela primeira vez, séculos atrás, até hoje.

A vida de São Boaventura pode, portanto, ser considerada como o ideal ao qual tende o franciscano moderno: um ideal no qual a simplicidade de São Francisco se mistura com uma compreensão completa dos últimos desenvolvimentos do pensamento científico; em que a santidade pessoal, porque consciente da fraqueza própria, é bondosa e generosa em sua simpatia para com os outros; em que os numerosos detalhes da vida ativa e administrativa são elevados por um forte espírito interior do que poderia ser fonte fértil de distração em um meio de união mais estreita com Deus.

Resta-nos agora acrescentar que as páginas seguintes sobre a obra da vida de São Boaventura, escritas pelo falecido Pe. Laurence Costelloe, ofm, baseiam-se na vida crítica do Doutor Seráfico contida no décimo volume de suas obras (Quaracchi, 1902). A pedido dos seus superiores, pretendia rever e publicar a sua obra, mas a morte súbita frustrou o seu desígnio. Esta revisão foi agora realizada pelo Pe. Leo, ofm, que verificou as fontes e introduziu as alterações exigidas pela extensão prescrita deste trabalho.

Osmund Cooney, ofm

Provincial

O Convento, Forest Gate, Londres

Festa da Anunciação, 1911

INFÂNCIA E JUVENTUDE

É revigorante passar do deprimente materialismo da época atual para a fé inspiradora da Idade Média. A mudança de perspectiva é revigorante; tem na alma o efeito que uma atmosfera estimulante tem no corpo.

O temperamento dos tempos modernos tende a enfraquecer o nosso sentido do sobrenatural. Se quisermos manter inalterado o nosso vigor espiritual, devemos retirar-nos ocasionalmente da sua influência e esforçar-nos por permanecer por algum tempo numa atmosfera religiosa mais saudável.

É por isso que gostaria de levar os meus leitores de volta ao século XIII – um período resplandecente com a fé e o fervor do grande reavivamento espiritual efetuado por São Francisco e São Domingos. Não pretendo tratar dessa época e de suas características em geral; um campo tão amplo só poderia ser pesquisado de maneira muito imperfeita nestas páginas. Penso que receberemos uma impressão mais clara e convincente dele se o estudarmos como exemplificado na vida de um daqueles grandes santos que personificaram seu espírito em si mesmos. É claro que deveríamos encontrar isso em toda a sua plenitude em São Francisco, mas há tantas obras que tratam do Patriarca Seráfico que somente a descoberta de algum aspecto inteiramente novo de sua vida maravilhosa justificaria plenamente outra publicação. Eu não pretendo isso; mas considero que alcançaremos o nosso propósito estudando a vida de um dos filhos mais notáveis

de Francisco, ou seja, o Doutor Seráfico, São Boaventura. Esse grande homem apresenta-nos um aspecto do espírito franciscano que aqueles que estudam a vida de São Francisco em toda a sua simplicidade literal podem não conseguir descobrir. Pois a real preeminência no aprendizado e o estabelecimento de meios para garantir sua continuidade entre seus seguidores não parecem, à primeira vista, receber aprovação ou apoio da vida de São Francisco. O aprendizado e a honra naturalmente associados a ele parecem ter sabor de grandeza temporal, mas a oposição direta e absoluta a isso foi a nota dominante na vida de Francisco. Ele gostaria que seus irmãos fossem chamados de “Frades Menores”, ou irmãos menores, e diz diretamente em sua Regra: “Que aqueles que não são instruídos não procurem aprender”. No entanto, encontramos São Boaventura – profundamente imbuído do espírito de São Francisco, e sétimo superior-geral de sua Ordem – ostentando a elevada dignidade de mestre em teologia e artes, e como cardeal da Santa Igreja Romana, ocupando uma das posições mais exaltadas da cristandade.

No decorrer da nossa pesquisa, descobriremos o segredo dessa aparente anomalia. Ninguém parece ter estado mais plenamente consciente de sua existência do que o próprio São Boaventura, como testemunham referências frequentes a ela em seus escritos. É a partir dessas referências e das explicações que elas contêm que recebemos a visão mais verdadeira sobre o desenvolvimento do espírito de aprendizagem na Ordem Franciscana.

São Boaventura nasceu no ano de 1221, em Balneum Regis, a moderna Bagnoregio, nas proximidades de Viterbo. Seus pais eram João e Ritella Fidanza. Sua posição na vida é uma questão de conjectura. Um historiador afirma que João Fidanza era descendente da nobre casa de Fidanza de

Castello e era mestre em medicina. Não estamos de forma alguma preocupados em provar a nobreza dos antepassados de Boaventura. Sua eminência pessoal no aprendizado e na santidade, que é a única coisa que nos preocupa, não foi a herança de posição ou posto. Pode ter sido diferente com aqueles instintos de piedade e virtude que se desenvolveram em sua alma ainda quando criança. Ao cuidado de uma mãe devota, a presença deles pode ser atribuída com justiça. A experiência nos ensina que a influência da mãe, se for boa, bem e prudentemente dirigida, é primordial na vida do filho para sempre, determinando-a para o bem de acordo com o grau de sua própria excelência.

Dos primeiros anos de nosso santo, apenas um episódio marcante nos é preservado, que é assim registrado por ele mesmo em sua introdução¹ à *Vida de São Francisco*. Lamentando a sua “incapacidade e indignidade de relatar aquela vida mais digna de toda imitação”, ele sente-se obrigado, “pelo amor que é obrigado a sentir pelo nosso Santo Padre”, a assumir a tarefa que o Capítulo Geral lhe confiou com tanta urgência. “Pois”, continua ele, “através de sua invocação e méritos, fui arrancado das garras da morte ainda criança – como me lembro com memória fresca e vívida. Se eu então me abstivesse de publicar seus elogios, temeria incorrer no crime de ingratidão”. Em sua vida menor de São Francisco,² ele novamente se refere a esse incidente, mas acrescenta mais detalhes. São as suas palavras:

Deus não cessa de glorificar o seu servo através de inúmeros milagres realizados em diversas partes do mundo, como eu mesmo posso atestar por experiência pessoal. Pois enquanto

¹ *Legenda Maior Sancti Francisci*, Prólogo, n. 3.

² *Legenda Minor Sancti Francisci*, Lectio Octava.

eu estava gravemente doente quando criança, fui arrancado das garras da morte e restaurado à vida saudável devido a um voto que minha mãe fez ao Beato Padre Francisco.

Em torno desse incidente, assim simplesmente registrado, cresceu a lenda de que o nosso santo deve o seu nome a uma profecia proferida por São Francisco por ocasião da sua cura. Dizem-nos que a criança doente foi apresentada a Francisco pela mãe ansiosa que, com lágrimas, pediu a sua intercessão. O santo tomou a criança nos braços e, elevando os olhos ao céu, rezou fervorosamente pela sua restauração. Certo de que sua petição foi atendida, ele a devolveu à mãe e, olhando-a com olhar profético, exclamou: “*O buona ventura*” (“Oh, boa sorte!”). Não podemos garantir a autenticidade dessa narrativa, mas ela tem o apoio de uma tradição bastante confiável. Uma coisa é certa: antes da época do nosso santo, já existia o nome Boaventura. De seu pai ele parece ter recebido o nome de João, e em muitos manuscritos é frequentemente referido por esse nome. Ele também foi referido como Eustáquio, Tiago, Eutíquio. Isso deve ser atribuído em parte a erros de transcrição e em parte ao relacionamento do santo com teólogos gregos que adaptaram a forma grega de seu nome. Boaventura, porém, é o nome pelo qual ele era comumente conhecido por seus contemporâneos, e é aquele sob o qual sua fama chegou até nós.

Como já foi dito, a história de sua infância está perdida para nós. Poderíamos esboçar um retrato fantasioso dele, para harmonizar com a santidade e o aprendizado de sua vida subsequente, mas conjecturas não são história. Na ausência de fatos registrados, estamos condenados ao silêncio. Os biógrafos a quem poderíamos recorrer para obter esclarecimentos sobre esse assunto silenciam. Eles parecem tão empenhados em proclamar a fama mundial dos seus anos de

maturidade e registrar as suas grandes realizações em nome da Igreja e da Ordem Franciscana, que ignoraram o período comparativamente obscuro da sua juventude. Essa não era uma falha incomum nos cronistas daquele período. Temos outro exemplo muito marcante disso na obscuridade insolúvel em que os biógrafos do célebre Duns Escoto deixaram a questão do seu local de nascimento e da sua nacionalidade. Não sabemos onde Boaventura adquiriu os rudimentos do saber; não sabemos com certeza o nome do convento onde fez o noviciado. Nosso conhecimento certo sobre ele data de sua aparição em Paris, no ano de 1242.

Algumas palavras do nosso santo, porém, levantam o véu, ainda que ligeiramente, das sombras que obscurecem os seus primeiros anos. Escrevendo anos depois contra um detrator da Regra que ele professava, Boaventura deu assim expressão³ à tendência de seus pensamentos anteriores:

Não se ofendam que no início os irmãos eram simples e analfabetos. Isso deveria antes elevar a Ordem em sua estima. Pela minha parte, reconheço diante de Deus que o que mais me levou a amar a obra da vida do Beato Francisco foi o fato de ela ter uma semelhança tão estreita com o início e o crescimento da Igreja. Assim como a Igreja começou com simples pescadores e depois contou com médicos renomados e habilidosos, assim também aconteceu na Ordem do Bem-aventurado Francisco. Dessa forma, Deus torna evidente que o Instituto foi fundado não pela prudência dos homens, mas por Cristo.

Com a sua mente penetrada por aquele milagre dos seus primeiros anos, podemos facilmente conceber como o despertar espiritual iniciado pelo movimento franciscano se

³ *Epistola de tribus Quaestionibus*, t. VIII, p. 336, n. 13.

apoderou dos pensamentos de Boaventura. O voto de sua mãe, harmonizando-se com seus desejos juvenis, revestiria esses impulsos com a beleza da virtude da religião. É certo que o nosso santo ingressou na Ordem Franciscana ainda jovem; todos os cronistas antigos testemunham isso. O ano exato da sua recepção, no entanto, é uma questão discutível. Para os eruditos editores das obras do nosso santo,⁴ parece quase estabelecido que ele entrou na Ordem no ano de 1238. Sabemos com autoridade que foi no noviciado da Província Romana que São Boaventura recebeu o hábito, mas o nome do convento não chegou até nós. Os três anos seguintes à sua profissão, em 1239, foram passados no estudo de filosofia em alguma casa tranquila de uma província romana, que a tradição nos diz ser Orvieto. Onde quer que esses três anos tivessem se passado, os leitores do nosso santo não poderiam deixar de notar os seus poderes de abertura, e planos foram formados para desenvolver aquelas capacidades conspícuas que refletiriam, eles tinham a certeza – e o tempo ratificou a sua convicção – tal glória para a Ordem. Assim, em 1242, Boaventura prosseguiu para a Universidade de Paris.

⁴ “Opera Omnia” (Quaracchi, 1902), t. X, p. 42, 43, 44.